

PATRIMÔNIO FAMILIAR: O PAPEL DA GUARDIÃ DOS OBJETOS DE UM MUSEU

FRANTIESKA HUSZAR SCHNEID¹; FRANCISCA FERREIRA MICHELON²

¹ Universidade Federal de Pelotas –frantieskahs@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas –fmichelon.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A palavra patrimônio vem do latim *patri* (“pai”) e *monium* (“recebido”), ou seja, aquilo que provem dos pais. Inicialmente era ligada ao sentido de herança, atuando como nexos entre gerações, ligando o passado ao presente. O patrimônio como herança, inclui bens materiais e imateriais.

Esta relação dos objetos com o passado e os elos de ligações entre gerações futuras é o que será analisado neste artigo, no qual busca abordar discussões acerca do que chamamos de museus ou memoriais familiares. Aqui serão refletidos não bens da esfera pública que demandam de serem catalogados, preservados e disponíveis ao público, mas sim um acervo pessoal, privado, com objetos de família.

Sendo museu um local de pesquisa, preservação, comunicação das memórias, pode-se afirmar que as famílias que possuem estes locais próprios de guarda de bens procuram evitar o esquecimento. Nestes recintos estão guardados objetos e documentos e toda a memória/tradição de uma família.

Ao falar de museu ou memorial, não significa apenas os locais organizados, catalogados e preservados. Não as instituições abertas ao público, mas todo e qualquer lugar onde são depositados objetos ou herança, acervo basicamente formado de “quinhilarias” que pertencem a membros de uma família, não necessariamente com valor monetário, porém com muito valor sentimental. Cada objeto está muito carregado de uma simbologia e uma história de imensa relevância para os membros pertencentes de tal família.

A transmissão de memórias e mesmo de objetos não começa sozinha. Essa política de guardar objetos ou lembranças, sempre ocorreu como nos casos dos primeiros museus, na antiguidade. Será abordado aqui o conceito do *Guardião de Memória do Museu Familiar*, bem como seu papel. Esta figura é o personagem-chave que permeia essa pesquisa sobre museus familiares. Reinhardt (2002, p. 36) afirma que o guardião ou “narrador da memória familiar é a figura fundamental para se compreender [as] marcas visíveis do passado ou ‘museus de família’”.

No grupo familiar Barros (1989, p. 34) destaca a figura do guardião ou guardiã, aquela pessoa escolhida para cuidar e transmitir a memória familiar do grupo, “o papel do mensageiro da memória ou do narrador é desempenhado, em um caso, pelos avós e, em outro pelo que denominei de guardião da memória familiar”.

Caixeta (2006, p. 44) na sua tese de doutorado intitulada “Guardiãs da memória: tecendo significações de si, suas fotos e seus objetos”, nos diz que “este papel é assumido pelos idosos da família, especialmente, os avós que são o elo vivo entre as gerações e os significados que eles ‘guardam’ são constituídos ao longo da sua historicidade no convívio com os outros”.

No presente estudo a guardiã da memória familiar reúne fotografias isoladas e reunidas em álbuns de família, com o sentimento de reunir um dos

mais preciosos lugares de memória familiar. Esta figura atua quase como um museólogo, preservando tudo o que remete fisicamente a sua família (de móveis a cartas de amor, passando por fotografias, álbuns, armas, etc.). Zinani *apud* Crestani (2011, p. 28-29) nos fala que este personagem usa “uma estratégia de esconder e expor, um jogo de apresentação pública e preservação da intimidade familiar. [...] Todos [...] preservados e reunidos, compondo um pequeno museu”.

2. METODOLOGIA

Para tratar deste assunto, será usado o exemplo da guardiã do acervo de uma pesquisa em andamento que investiga fotografias de casamento no período compreendido entre 1940 a 1969. A investigação almeja constatar como o registro da imagem permite que famílias armazenem durante décadas fragmentos capazes de constituírem-se como um lugar de memória. Porém aqui não serão aprofundadas as fotografias de casamento em si, mas o papel da detentora deste acervo.

A guardiã do acervo familiar aqui estudado é Tereza da Silva Schneid, que guarda a coleção da família e assume a responsabilidade de atuar em nome da memória do grupo, definindo quais as fotografias e objetos serão guardados e de que maneira este acervo vai sendo reformulado, incorporando novos materiais e descartando outros, selecionando imagens que testemunhem a trajetória familiar.

Além das fotografias, teve-se contato com outros materiais, tais como anotações sobre a família, feito por membros do grupo, cartões postais, santinhos trocados por ocasião de eventos religiosos, carteira de serviço militar, pedaço de renda retirado de um vestido de noiva, medalhas, terços e pingentes com fotos... Enfim, objetos transmitidos por herança, testemunho dos “quadros sociais” da história familiar e coletiva, como afirma Halbwachs (2004).

A metodologia aplicada estrutura-se em estudo de caso, com pesquisa bibliográfica e pesquisa historiográfica em fontes iconográficas, através das fotografias fornecidas pela guardiã.

A partir das entrevistas, forma-se um banco de dados com depoimentos, que será fundamental para analisar as fotografias e os objetos. Ela explica foto a foto, objeto a objeto, quais são os personagens do passado retratados e em que contexto foram feitas. Cerqueira, Peixoto e Gehrke (2008, p.169) nos falam desta combinação “...as lembranças orais foram se mesclando com fotografias que apareciam conservadas em gavetas, caixas ou se encontravam na sala, suspensas nas paredes sobre nossas cabeças”.

Os procedimentos metodológicos adotados empregarão técnicas utilizadas na história oral, a partir de entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas – permitindo à entrevistada relembrar os usos e costumes de uma época distante, mas ainda presente na memória.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O papel do guardião não é apenas o de guardar fotografias que servirão de suporte de memória familiar, mas também tem a obrigação de contar as histórias de cada uma delas, fazendo o passado permanecer vivo entre os membros mais jovens. Faz parte também da função do guardião não apenas a conservação das fotos e dos objetos, mas também sua seleção, que servirão de guia aos visitantes desse museu particular, com peças expostas em álbuns, nas paredes e móveis. Segundo Barros (1989, p. 38) “esta narrativa é criada com um acervo de fotos

esparsas, vindas de tempos e lugares diferentes e, quando decifrada, não se assemelha a nenhuma outra”. A autora continua “a narrativa que envolve estas fotos reúne as múltiplas facetas da vida, englobando-as, dando-lhes uma face mais completa, mais homogênea e menos efêmera” (BARROS, 1989, p. 41).

Segundo Barros (1989), a análise de família permite observar como um determinado grupo social representa suas experiências e as classificam a partir do momento em que escolhem o que vai ser fotografado e o que vai ser guardado, constituindo o acervo do guardião da memória. Pode-se concluir até o presente momento, que a fotografia e os objetos enquanto instrumentos possibilitam à guardiã acionar a memória do grupo, contando a história familiar deste.

Nesta acepção, a fotografia é o objeto por excelência a tornar material o instante intangível que se perde no tempo. A função de registro da imagem fotográfica acentua a sua característica rememorativa no ato de materialização do instante efêmero. Portanto, todo objeto escolhido cumpre a função rememorativa como suporte de memória, objetos nos quais a vida deixou seus registros de forma simbólica e que só fazem sentido para a pessoa da memória que lhes dá valor.

Pode-se notar que quem guarda objetos ou documentos, não necessariamente sabe que está criando uma coleção, museu ou memorial familiar. A maioria das pessoas arruma seus arquivos e objetos “para ver sua identidade reconhecida”. (ARTIÈRES *apud* TANNO, 2007, p. 05). Uma forma de se preservar para um futuro ou para alguém que ainda nem está presente.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo, decidiu-se por não usar a classe patrimônio cultural, pois o desdobramento da pesquisa ressaltou a ausência da categoria cultural no segmento estudado. Assim sendo, a palavra patrimônio que aqui se apresenta está diretamente vinculada aos afetos íntimos, individuais e familiares.

Compreende-se que, na maior parte das vezes, a categoria patrimônio não é associada à ideia de herança, com uma atribuição de valor econômico. Contudo, pode-se pensar no patrimônio enquanto atribuição de valor, nos objetos na qualidade de suportes de identidade, selecionados a partir de um ponto de vista afetivo. Objetos que assumem simbolicamente a posição de monumento de resistência ao esvaziamento, pensando a memória e os objetos de memória como monumentos à personalidade, a favor da identidade pessoal, resistência contra o esquecimento e contra o silenciamento.

Desta forma, além de objetos de valor afetivo, esses elementos aglutinadores do tempo podem ser considerados, como Allan Radley (1994) propõe, objetos de uma coleção pessoal, de cunho biográfico. Não só pelo fato material como foram escolhidos, mas por efluir a certeza de terem estado presentes em diversas fases da vida da pessoa.

Assim, são as próprias lembranças que tomam o lugar de patrimônio, bem como objetos pessoais que mantêm vivas e próximas as experiências marcantes do passado das famílias. Nesse contexto, é possível pensar os objetos como uma coleção familiar, que caracteriza o seu maior patrimônio simbólico ao desempenhar uma função altamente afetiva, compartilhada pelos membros. Esses objetos biográficos definem-se como testemunhos de passado vivido.

Por fim, afirma-se que o patrimônio seja algo preservável e transmissível, vinculado a partir das emoções e da afetividade. É provável que com a negativa

de um patrimônio cultural coletivo se configure a preservação de um patrimônio individual afetivo inserido em um suporte de memória importante, como a família.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Tradución: Manuel A. Baeza y Michrl Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad de Venezuela, 2004.

Capítulo de livro

CERQUEIRA, F. V.; PEIXOTO, L. S.; GEHRKE, C. Fotografia e memória social: Etnografia de uma experiência em um núcleo rural de colonização italiana em Pelotas. In: MICHELON, F.; TAVARES, F. (Org.). **Fotografia e Memória**. Pelotas: Editora e gráfica Universitária da UFPel, 2008. Cap. X, p.163-209.

RADLEY, A. Artefacts, Memory and a Sense of the past. In: MIDDLETON, D. and EDWARDS, D. **Collective remembering**. London: Sage Publications, 1994.

Artigo

BARROS, M. M. L. Memória e Família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.29-42, 1989.

REINHARDT, J. A memória através do pão. **Histórias Unisinos**, São Leopoldo: Unisinos, número especial, jul./dez, 2002, p. 101-118.

TANNO, J. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda de registros de si. **Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP/FCLASs/CEDAP, v.3, n.1, 2007.

Tese/Dissertação/Monografia

CAIXETA, J. E. **Guardiães da memória: tecendo significações de si, suas fotografias e seus objetos**. 2006. 224f. Tese (Doutorado) do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

CRESTANI, L. **Abrindo o baú: museus familiares e a guarda de reminiscências**. 2011. Monografia (Graduação) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.